

A Sobrevivência pela Conquista: O Processo de Modernização Bélica Etíope entre 1855 e 1935

Mário Lemos Flores do Prado¹

RESUMO: O Império Etíope, a partir da segunda metade do século XIX, foi um grande bastião de resistência nativa africana frente à colonização imposta pelos europeus a quase todo o resto de seu continente. Tal resistência se deu por tenaz força de armas, diplomacia inventiva com as nações ocidentais e foi sustentada pela apropriação dos recursos econômicos das nações vizinhas. Ao longo do período estudado (1855-1935), o exército etíope esteve em constante evolução, tanto em termos organizacionais quanto de equipamento. O objetivo deste artigo é descrever as condições subjacentes a este processo de modernização militar pelo qual passou a Etiópia e expor suas conquistas e entraves.

A transição do exército imperial de uma força formada por camponeses chamados ao dever em tempos de conflito, amadora, dependente de seu grande número para servir como instrumento de manutenção de ordem interna, para um exército com um núcleo moderno, treinado e equipado por russos, belgas e franceses, capaz de travar batalhas com um grau significativo de paridade frente ao moderno exército italiano em 1895 e em 1936, foi um processo que demorou décadas e moldou a sociedade etíope, e que tem proporções até hoje mal compreendidas. Seu principal fator limitador foi o fato que a Etiópia ainda era um país quase exclusivamente agrícola, e que em 1935 ainda estava em sua transição ao capitalismo.

Palavras-chave: Etiópia; Modernização; Colonialismo; Guerra Ítalo-Etíope; Modernização Bélica.

ABSTRACT: The Ethiopian Empire, from the second half of the 19th Century onwards, was a great bastion of African resistance versus the colonization imposed by Europeans to most of their continent. This resistance, in Ethiopia's case, took the shape of direct and tenacious fighting, innovative diplomacy with the western nations and was sustained with the appropriation of the economic resources of neighbouring peoples. Throughout the timeframe under analysis (1855-1935), the Ethiopian Army was in constant evolution, both in organizational terms and in terms of equipment. This article's goal is to describe the conditions that laid beneath this process of military modernization through which Ethiopia passed and to highlight its achievements and limitations.

The key feature of this movement of progress in the Ethiopian military sciences is the transition of the imperial army from a force formed mainly by peasants levied in times of conflict, amateurish, dependent in its numbers to serve as an instrument of internal repression, to an army with a modern

¹ Mestre em História Econômica pela Universidade de São Paulo, Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Campinas.

core, trained and equipped by Russians, Belgians and the French, capable of giving open battle to the Italian Army both in 1895 and in 1936. In all, the modernization of the Ethiopian Army was a process that took decades and had a big impact on Ethiopian society and in the centralization of the Ethiopian State, something which has proportions not wholly comprehended. Its main limiting factor was the fact that Ethiopia was a country almost exclusively agrarian, and which in 1935 was still in its transition to capitalism.

Keywords: Ethiopia; Modernization; Colonialism; Italo-Ethiopian War; Military Modernization.

Introdução

O objetivo deste artigo é descrever as mudanças organizacionais e de equipamento no exército etíope entre 1855 e 1935, e dos movimentos políticos e sociais que acompanharam tais mudanças. Dado o período extenso sob análise (cobrindo oito décadas pelas quais a Etiópia foi um reino relativamente centralizado antes da Segunda Guerra Ítalo-Etíope), este trabalho não tem a intenção de ser uma análise profunda das decisões tomadas pelos líderes militares etíopes. Ao invés disso, olhando para os eventos relacionados ao exército etíope e suas pré-condições, criamos uma imagem do que aconteceu com e para o exército ao longo das décadas.

Outro aspecto deste artigo é um estudo do papel do processo de modernização militar como garantidor da independência da Etiópia até 1935. Em apoio a isso, um breve exercício em história comparada foi feito, de modo a fundamentar nossas suposições em relação à singularidade do que aconteceu com as forças armadas etíopes na África no período.

Consolidação do Estado e a primeira invasão italiana (1855-1895)

A história do exército etíope moderno tem suas raízes no reino do imperador Teodoro II (1818-1868), que marcou o fim da *Zamana Mesafent*, a “Era dos Príncipes”, um período de grande descentralização, que durou da segunda metade do século XVIII até 1855.

O primeiro imperador da Etiópia moderna no início de seu reino conseguiu seu trono através da força e com ela também o manteve, travando conflitos ininterruptos com nobres locais que buscavam mais autonomia, sendo imperador apenas do território onde estava em cada momento com seu numeroso exército². Isso, enquanto infeliz para seu governo, representou uma mudança importante para a Etiópia, pois o exército de Teodoro foi o primeiro corpo permanente que o reino havia visto em décadas e quiçá séculos. Essa força iria posteriormente servir como o núcleo dos exércitos dos imperadores futuros, denominada de *gondari*³.

Ademais, um dos grandes motes do período de Teodoro como rei é uma política externa

² HAROLD, Marcus. *The Life and Times of Menelik II: Ethiopia 1844-1913*, 1975, p. 21-22.

³ HAROLD, Marcus. *A History of Ethiopia*, 1994, p. 68-69.

inovadora, buscando manter laços com os monarcas europeus e trazer inovações ao país⁴. Enquanto outros senhores com domínios na costa (notavelmente, os reis de Tigray) já haviam estabelecido um comércio rudimentar com o ocidente, o nível do contato diplomático alcançado não tinha precedentes nos séculos anteriores. Ainda assim, a escala dos avanços alcançados neste período é modesta quando comparada com o que foi atingido durante o reinado de seus sucessores.

Nos anos 1860 alguns avanços militares já podem ser vistos na Etiópia. Não tanto no armamento dos infantess, pois estes lutavam de maneira similar a como faziam nos séculos anteriores, mas sim em termos organizacionais, como mencionado, e na artilharia. Aqui, o contato com os europeus fizera toda a diferença, pois foram estes que capitanearam as oficinas imperiais de Debra Tabor⁵, que produziram inicialmente canhões leves, e, alguns anos depois, pesados. O passado de Teodoro como um bandido, e uma batalha perdida contra os egípcios lhe haviam demonstrado a importância da artilharia moderna⁶, e isso eventualmente fez com que sua fortaleza em Magdala se tornasse inexpugnável aos nobres rivais do reino⁷.

Outras conquistas do período são a introdução de novos títulos militares, correspondentes ao tamanho do comando de seus portadores (ainda em uso até hoje)⁸, e o pagamento de salário aos soldados, que antes recebiam bilhetes que podiam ser trocados diretamente por bens de consumo⁹.

Após o suicídio de Teodoro frente a uma invasão britânica de seu reino, em 1868, o rumo da Etiópia mudou radicalmente. Além de perturbar o equilíbrio do poder previamente em vigor, no passo que foram supridos com armas modernas os senhores que haviam auxiliado a marcha das forças britânicas¹⁰, o evento imprimiu para todo o reino a necessidade de adquirir armas similares, dada a relativa facilidade com a qual os europeus haviam derrotado as forças do imperador.

Em 1872, meros quatro anos após a morte de Teodoro, o trono foi tomado pelo poderoso *dejazmach* de Tigray, Kaša Mercha, que adotaria o nome real de João IV. Não é uma coincidência o fato de que ele havia recebido uma quantidade significativa de armas europeias em 1868, e estas, acrescidas do auxílio de um instrutor britânico, Kirkham¹¹, auxiliaram sua vitória em batalha contra seus inimigos numericamente superiores. A isso deve ser acrescido o fato de que Tigray tinha uma tradição no uso de armas de fogo, sendo um reino localizado próximo à costa¹².

As guerras na Etiópia começaram a partir da década de 1870 a ser travadas e decididas por exércitos munidos em sua grande maioria por armas europeias, favorecendo a centralização do poder, pois apenas os mais poderosos senhores e o imperador tinham a elas acesso em quantidade; também era difícil a obtenção de atiradores hábeis.

⁴ ZEWDE, Bahru. A history of modern Ethiopia, 1855-1974, 1991, p. 34-38.

⁵ Ibid, p. 34.

⁶ Ibid, p. 28.

⁷ CAULK, Richard. Firearms and Princely Power in Ethiopia in the Nineteenth Century, 1972, p. 609-611.

⁸ ZEWDE, Bahru. A history of modern Ethiopia, 1855-1974, 1991, p. 33.

⁹ Ibid, p. 33.

¹⁰ HAROLD, Marcus. The Life and Times of Menelik II: Ethiopia 1844-1913, 1975, p. 29-32.

¹¹ ZEWDE, Bahru. A history of modern Ethiopia, 1855-1974, 1991, p. 49.

¹² CAULK, Richard. Firearms and Princely Power in Ethiopia in the Nineteenth Century, 1972, p. 611.

Descreve do seguinte modo o aventureiro inglês Emilius de Cosson, em seu livro *The Cradle of the Blue Nile. A Visit to the court of King John of Ethiopia*, o estado dos armamentos de uma vila no nordeste etíope, em 1873:

“Of course there was a large crowd squatted outside our tents watching all of our movements; when they saw us cleaning our rifles several of them ran off and brought us a very heterogeneous collection of old Portuguese match-locks, and superannuated Turkish guns, which they modestly requested us to put in order for them.”¹³

Descreve, porém, do seguinte modo os soldados que o recebem, na ocasião de sua visita ao acampamento real:

I found them ranged in two lines facing inwards, and as I rode up between them I was not a little astonished to hear clearly pronounced in English the commands: present arms; shoulder arms;[...] A little lieutenant[...] told me that he and his *naphteñas* had been trained by General K¹⁴. , who had taught them to perform their exercises to English words of command. He seemed very proud of his men, who in truth were a stalwart set of fellows, and marched beside us[...] at a swinging pace that promised well for their activity in mountain warfare; most of them, too, were good shots, for the Abyssinians are accustomed to shoot guinea-fowl and even smaller birds with ball.¹⁵

Pode ser extraído, a partir disso, que o exército etíope era muito heterogêneo, uma característica que o irá marcar até o final do intervalo estudado. As tropas provenientes das províncias normalmente não eram muito confiáveis e não podiam permanecer muito tempo em campo (a custo das colheitas regionais), enquanto os soldados profissionais (a guarda imperial e os núcleos das forças dos vassalos mais poderosos) eram geralmente bem equipados, disciplinados e alimentados¹⁶.

João IV travou algumas campanhas internas para unificar seu reino, que cessam por volta de 1875. Seu vassalo mais poderoso, Sahle Maryam de Shewa, enquanto obrigado a pagar tributo, não foi derrotado em batalha, e continuou a ser uma poderosa força no reino. A principal dentre as preocupações do imperador no período parecia ser o Egito, que, sob Muhammad Ali e seus sucessores havia se tornado um Estado poderoso, *de facto independente*, um que com impressionante poder havia conquistado muito do que hoje é o Sudão e o Sudão do Sul, e que ameaçava as fronteiras etíopes com um exército moderno. Durante os anos 1870 e 1880 ocorreram quatro invasões egípcias, a maior em 1876, na qual os invasores foram derrotados em duas batalhas distintas¹⁷. Além de preservar a independência e integridade territorial do país, a vitória em tais invasões foi importante para suprir o exército imperial com armas modernas capturadas, como rifles Remington (dos quais, mais de 12.000 foram tomados¹⁸) e artilharia¹⁹.

¹³ DE COSSON, Emilius. *The Cradle of the Blue Nile: a visit to the court of King John of Ethiopia*, 1877, p. 68.

¹⁴ Provavelmente, o previamente mencionado Kirkham.

¹⁵ DE COSSON, Emilius. *The Cradle of the Blue Nile: a visit to the court of King John of Ethiopia*, 1877, p. 302-303.

¹⁶ MILKIAS, Paulos et al. *The Battle of Adwa: Reflections on Ethiopia's Historic Victory against European Colonialism*, 2005, p. 55-57.

¹⁷ ZEWDE, Bahru. *A history of modern Ethiopia, 1855-1974*, 1991, p. 49-53.

¹⁸ HAROLD, Marcus. *A History of Ethiopia*, 1994, p. 75.

Depois de tais conflitos, o exército imperial tornou-se de modo inquestionável a força mais poderosa da região, seu equipamento, a despeito de uma grande heterogeneidade, muito superior àquele disponível às forças de seus vizinhos não-europeus. Neste ponto na história, a organização militar etíope funcionava do seguinte modo: o imperador possuía uma quantidade significativa de soldados regulares, que o acompanhavam nas campanhas e com ele acampavam nos tempos de paz²⁰. A maior parte do exército do reino, porém, vinha das províncias, organizada e armada pelos ras, governadores, os quais dependendo do contexto possuíam mais ou menos autonomia. Tais governadores possuíam seus próprios soldados regulares, mas o principal componente de seus contingentes seriam os homens que serviam como soldados apenas poucos meses do ano, no geral mal-treinados e equipados²¹. Além destes, em tempos de emergência, existia a possibilidade de uma convocação em massa. Já que os soldados eram, em termos individuais, responsáveis por se sustentar nas campanhas, os exércitos etíopes no geral não conseguiam se manter em campo por muito mais do que dois ou três meses, pois depois de tal tempo sua comida normalmente já teria se exaurido e a área próxima ao acampamento do exército já não mais disporia recursos para o sustentar²².

Depois de 1882, quando os britânicos ocuparam o Egito, o perigo às fronteiras do norte etíope diminuiu²³. Com isso, as forças etíopes tinham espaço para conduzir campanhas ao sul do país, em terras pertencentes a povos armados de maneira tradicional²⁴. Este foi um movimento executado tanto por forças imperiais propriamente ditas quanto por vassallos como o Negus de Shewa; Shewa em particular se financiava em grande parte com o botim destas campanhas, enquanto sustentava um comércio importante com a Europa (principalmente com a Itália) em armas²⁵.

Essa situação perdurou até o fim da década de 1880, quando outro perigo surgiu. Os mahdistas, sudaneses, fruto de um movimento messiânico que acabou com o poder egípcio na região fundaram um altamente militarizado estado, agressivo perante seus vizinhos, ameaçando novamente a fronteira norte do império. Uma poderosa expedição de saque destes forçou o imperador a ir à luta, onde, em Metemma, acabou encontrando seu fim. Enquanto os mahdistas foram eventualmente derrotados por uma expedição britânica, um conflito de fronteira de baixa intensidade se fez presente no norte do reino entre a inicial invasão vinda em 1887 e o fim da década de 1890.

Eventualmente, porém, essa ameaça se mostrou desimportante se comparada com uma que viria surgir: a Itália. Recentemente unificada, este país começou nos anos 1880 a exercer suas ambições imperiais no Chifre da África, tomando portos onde hoje é a Eritreia e influenciando vassallos etíopes²⁶, promovendo lutas internas no reino e assim o enfraquecendo.

Em 1889, após a morte de João, o poder foi tomado pelo *Negus* de Shewa, que tomou o nome

¹⁹ ZEWDE, Bahru. *A history of modern Ethiopia, 1855-1974*, 1991, p. 53.

²⁰ A corte real era móvel até os anos 1880, quando primeiro Entoto e depois Addis Ababa foram estabelecidas como capitais do reino.

²¹ PERHAM, Margery. *The Government of Ethiopia*, 1948, p. 160-161.

²² *Ibid.*, p. 161-163.

²³ ZEWDE, Bahru. *A history of modern Ethiopia, 1855-1974*, 1991, p. 55.

²⁴ *Ibid.*, p. 60-61.

²⁵ PANKHURST, Richard. *Guns in Ethiopia*, 1965, p. 30.

²⁶ PERHAM, Margery. *The Government of Ethiopia*, 1948, p. 53-55.

de Menelique II. Este manteve, no período anterior à sua ascensão, relações amistosas com os italianos, obtendo deles armas as quais usou para grande efeito na conquista de povos vizinhos ao seu domínio²⁷. Segundo o geógrafo italiano Chiarini, em seu livro *Da Zeila alle frontiere del Caffa*, Menelique amava armas de fogo²⁸, um sinal da importância que passavam a ter os armamentos europeus na sociedade etíope.

Quanto à composição do exército nas vésperas do conflito com a Itália (que deu-se entre 1894 e 1896), diz o seguinte Bulatovich, militar russo que duas vezes viajou pela Etiópia, em seu livro *Ethiopia through Russian eyes*:

The origin of the armies of Menelik is interesting. At the beginning of his reign, the Emperor had a severe shortage of both guns and soldiers. The nucleus of his armed forces consisted of the armies of Emperor Tewodros, known as gondari -- men of Gondar -- that had gone over to his side. They are still called gondari and are stationed along the borders of the empire. They are about twenty thousand men strong. This army is divided into thousand-man regiments distributed among various leaders. Soldiers who mustered under the banner of Menelik at another later time were known by a name that corresponded to their armament. Those armed with muzzle-loaded guns were called neftenya. Those who had flint-lock guns were tabanja-yaji. Those with breech-loaded guns were snayder-yaji.²⁹

Os italianos, nos anos que precederam a Primeira Guerra Ítalo-Etíope, adotaram uma postura cada vez mais agressiva frente ao Império Etíope, subjugando a província de Harer no sudeste do país e derrotando alguns exércitos locais. Por mais que o reino estivesse enfraquecido por uma série de pragas que o assolaram no início da última década do século XIX, se via relativamente unido frente ao perigo do colonizador, e bem munido com armas modernas. Um oficial russo coevo estimava que nas décadas de 1870 e 1880 haviam sido importados pela Etiópia cerca de 100.000 rifles³⁰.

O conflito com a Itália estoura, após um embate diplomático relacionado a diferentes interpretações de um prévio tratado, com uma invasão italiana de território etíope. Após um prolongado face-off, o comandante italiano, sob pressão política, ordenou um ataque³¹, a despeito da superioridade numérica etíope e a forte posição que estes ocupavam. O resultado é a vitória etíope fulminante em Adwa. Ao longo da campanha o exército italiano perdeu 70% de seu efetivo³². Nos anos seguintes à batalha, o Reino Unido, a Rússia, a França e a Itália todos estabeleceram relações diplomáticas com a Etiópia³³.

²⁷ HAROLD, Marcus. *The Life and Times of Menelik II: Ethiopia 1844-1913*, 1975, p. 77-111.

²⁸ CECCHI, Antonio. *Da Zeila alle frontiere del Caffa*, vol. 1, 1886, p. 161; HAROLD, Marcus. *The Life and Times of Menelik II: Ethiopia 1844-1913*, 1975, p. 198.

²⁹ BULATOVICH, Alexander. *Ethiopia through Russian eyes: country in transition, 1896-1898*, 2000, p. 239; a classificação de "snayder-yaji", como determina Bulatovich, advém do fuzil britânico Snider-Enfield, de retrocarga, que foi utilizado na invasão britânica ao país na década de 1860, e que causou uma forte impressão nos etíopes, segundo Pankhurst. Ademais, segundo o mesmo autor a palavra naft haveria sido tomada do árabe (dando origem ao neftenya de Bulatovich), e tabanja também, sendo inicialmente utilizada para armas menores, mas depois simplesmente passando a significar arma, no geral.

³⁰ PANKHURST, Richard. *Guns in Ethiopia*, 1965, p. 31; na virada do século, segundo Pankhurst, o número de rifles no país era estimado na casa de 300.000. Segundo Holcomb e Ibssa, a maior parte destes era utilizada por tropas ocupadas na repressão aos povos recém-conquistados.

³¹ HAROLD, Marcus. *The Life and Times of Menelik II: Ethiopia 1844-1913*, 1975, p. 169-171.

³² *Ibid.*, p. 73.

³³ PERHAM, Margery. *The Government of Ethiopia*, 1948, p. 59.

Não foi somente das armas, claro, que adveio a vitória etíope, praticamente única no contexto da conquista imperialista do continente africano no século XIX. A diplomacia etíope, que havia conseguido nas décadas anteriores traçar redes de contatos com as nações europeias e delas conseguir pessoal especializado e treinamentos militares; a geografia do país, que fornecia montanhas e vales que constituíam verdadeiras fortalezas naturais às forças que o defendiam³⁴; o extenso território etíope e a densidade demográfica deste, que forneciam aos líderes do reino, a despeito da descentralização deste, poderosos exércitos em termos numéricos, todos tiveram seu papel.

Menelique II, Haile Selassie e a expansão do Império (1895-1935)

O Exército (ou exércitos) etíope, após a vitória no conflito, se tornou então muito mais poderoso do que fora dez anos antes, devido a grande quantidade de modernas armas que agora portava, tanto franceses, enviadas por um desejo desta nação de contrabalancear a crescente influência italiana na região, quanto tomadas no conflito com a Itália. Foi nos anos seguintes a este momento que as fronteiras etíopes tomaram a dimensão que tem hoje, através da conquista³⁵.

É assim nesse período, do fim do século XIX até o início do próximo, que o Império Etíope assume seu característico caráter multi-étnico, uma federação dominada pelos amharas. As armas e a experiência de guerra que tem estes tornam comparativamente fáceis as conquistas de povos que haviam sido seus vizinhos por séculos. Reinos antes poderosos como o de Kaffa foram subjugados em questão de meses³⁶, tamanha a superioridade regional que haviam alcançado os exércitos etíopes. Com essas extensas conquistas a Etiópia chega a ser classificada por autores como Holcomb e Ibssa como uma nação colonizadora, ainda que dependente, como também o seriam Portugal e Bélgica³⁷.

Outra faceta dentre as mudanças que afetam a Etiópia neste período são as reformas modernizantes introduzidas pelo governo de Menelique. Chegam o telégrafo e o telefone; a imprensa, que produz periódicos e jornais; automóveis, entre outras tecnologias que serviram para aprimorar a qualidade de vida e facilidade de governança do reino³⁸. Além destas, foi assegurado um fluxo estável de armas de fogo europeias para o exército, na medida que, com efetiva diplomacia, não era permitido que nenhuma nação europeia dominasse as importações; foi lançado mão de contratos com vendedores privados de armas, também. Para manter o heterogêneo exército com as munições necessárias, um sistema de intendentes foi criado pelo país³⁹.

³⁴ Podem ser traçadas várias similaridades à derrota italiana em Adwa para com a primeira derrota inglesa no Afeganistão, um país geograficamente tão desafiador à invasores quanto a Etiópia. A escala massiva da operação logística envolvida na invasão britânica de 1866 à Etiópia comprova a escala do desafio a ser superado por invasores ao país.

³⁵ PERHAM, Margery. *The Government of Ethiopia*, 1948, p. 59.

³⁶ BULATOVICH, Alexander. *Ethiopia through Russian eyes: country in transition, 1896-1898*, 2000, p. 15-16.

³⁷ HOLCOMB, Bonnie; IBSSA, Sisai. *The Invention of Ethiopia*, 1990, p. 11-23. Descrevem estes autores da seguinte maneira a ideia de um colonizador dependente: "Expansion offered certain benefits to the weaker countries as well as to the monopolists by creating avenues for exporting some of the elements that [...] created internal social and economic crises. In several places in Africa where European capitalist powers faced an impasse over the direct incorporation of specific regions into one monopolistic empire or another, weaker countries were empowered to establish the amount of control necessary to ensure access to the region by the concerned superpower."

³⁸ HAROLD, Marcus. *The Life and Times of Menelik II: Ethiopia 1844-1913*, 1975, p. 200.

³⁹ MCLACHAN, Sean. *Armies of the Adowa Campaign 1896: The Italian Disaster in Ethiopia*, 2011, p. 36.

Em 1902, é conduzido um grande desfile militar em honra àqueles que faleceram em Adwa, contando com 300.000 soldados; eles demonstram o uso de artilharia e metralhadoras modernas⁴⁰. Do começo do século XX em diante, porém, o ritmo do avanço desacelerou, conforme a saúde de Menelique deteriorou e Haile Selassie, primeiro como regente para a imperatriz Zewditu e depois como imperador propriamente, se mostrou incapaz de concluir a transição do feudalismo ao capitalismo contra as forças reacionárias da corte e do campo⁴¹.

Temos portanto um país que não participou tanto da primeira quanto da segunda revolução industrial, sem uma classe proletária, ainda que aos poucos vivesse um processo de monetização da economia. A comunicação entre as províncias permanecia rudimentar, e a maior parte dos habitantes não havia frequentado escolas formais. O país era agrário e assim estava distante da autossuficiência em munições e outros recursos necessários à guerra no período.

Após a Primeira Guerra Mundial, conforme os armamentos se tornaram mais complexos, essa falta de autonomia piorou. Quando os diplomatas ingleses e franceses priorizaram apaziguar a Itália frente a manter o status quo no Chifre da África, o destino da Etiópia estava praticamente selado.

Durante as décadas de 1920 e 1930, as conquistas mais importantes em termos militares são a fundação primeiramente da Escola de Treinamento da Guarda Imperial em 1925⁴², coordenada por belgas, e depois, em 1934, da Escola de Treinamento Militar de Genet, gerenciada por cinco militares suecos⁴³, dedicada à criação de um corpo profissional de oficiais para o exército etíope. A primeira turma de cadetes a entrar na instituição teve seu treinamento interrompido pela invasão italiana em 1935, e sua importância se dá mais na organização da resistência contra a ocupação italiana quanto na guerra em si. mostrarão como força importante dentro da resistência etíope. Ademais, temos a adoção de uniformes diferenciando patentes entre os soldados e, através da diplomacia, a conquista do direito da compra de armas européias na Liga das Nações⁴⁴.

À Etiópia é, porém, vetada pelos italianos na Liga das Nações a compra de aviões militares, entre outros impedimentos, o que provaria ser uma deficiência bélica decisiva para sua derrota na Segunda Guerra Ítalo-Etíope (1935). Neste conflito, os aviões da Regia Aeronautica bombardearam incessantemente as tropas etíopes, sem medo de retaliação, com munições convencionais e químicas.

Da autobiografia de Haile Selassie, “*My Life and Ethiopia’s Progress*” (1976):

While We were engaged upon all this careful work and were beginning to lead Our people on the road to civilization, Our enemy rose up with violence sending to Our country many troops with modern equipment as well as numerous war-planes and tanks, breaking the covenant of the nations and fighting us with machine-guns and artillery and with modern weapons many times superior in quality and quantity to our equipment. We

⁴⁰ HAROLD, Marcus. A History of Ethiopia, 1994, p. 108.

⁴¹ ZEWE, Bahru. A history of modern Ethiopia, 1855-1974, 1991, p. 89-94.

⁴² A Guarda Imperial era treinada por belgas, e comandada principalmente por etíopes formados na academia militar francesa de Saint-Cyr. Previamente, etíopes que haviam servido nos King's African Rifles também tinham desempenhado papel importante no treinamento das forças do país.

⁴³ ZEWE, Bahru. A history of modern Ethiopia, 1855-1974, 1991, p. 148.

⁴⁴ OFCANSKY, Thomas. et al. Ethiopia: a country study, 1991, p. 34-35.

addressed an appeal to the League of Nations[...]. After we had resisted to the best of our ability with weapons forty years old, we were defeated for the time being in no shameful manner.⁴⁵

Assim, é visível no recorte adotado na pesquisa o quanto foi influenciado o rumo da nação etíope pelo processo constante de modernização de seu exército, que passa de uma força organizada de modo pré-industrial, dependendo da convocação dos homens de cada região pela nobreza local, a uma força em significativa escala permanente e profissional, treinada e equipada de acordo com o modelo ocidental, ainda que com várias deficiências frente aos avanços tecnológicos alcançados durante a Primeira Guerra Mundial e nas décadas seguintes. A despeito da derrota em 1936, a Etiópia teve um melhor resultado em suas tratativas com a Europa do que praticamente todo o resto do continente. A interrupção em sua soberania durou cinco anos, duros anos de luta contra o colonizador, até que as tropas italianas fossem expulsas do país.

Por que a Etiópia?

Ao olhar para um mapa da África em 1880, alguns Estados similares em tamanho, população⁴⁶ e centralização à Etiópia podem ser vistos; o Califado de Sokoto, Marrocos e o Reino de Merina, em Madagascar, para citar alguns. Em 1912, nenhum destes três ainda mantinha sua independência. O que impediu que esses países fossem vitoriosos assim como a Etiópia? Houveram também tentativas por parte dos mesmos de modernizar seus exércitos? Vejamos rapidamente a história das conquistas de Sokoto e do Marrocos, para que possamos compará-las com a Primeira Guerra Ítalo-Etíope.

O califado de Sokoto era um reino que havia surgido no oeste da África no começo do século XIX, com a Guerra Fulani. Neste conflito, um sheikh messianico liderou a população islâmica dos Estados hauçás da região em uma grande revolta, levando a criação de Sokoto, liderado pelos fulas⁴⁷.

O exército de Sokoto era baseado em um sistema de chamados para a *jihad* dentre os fiéis, e, além disso, na adesão de nobres e seus dependentes às guerras, com base no sistema de clãs em vigor na região⁴⁸. Regularmente, até o início da segunda metade do século XIX, eram montadas campanhas contra os vizinhos pagãos do califado.

A força deste exército estava nos números que conseguia reunir, não em seu equipamento, pois não era um exército profissional e a maioria de seus componentes lutava como infantaria leve⁴⁹. Após as conquistas iniciais, a cavalaria adquiriu maior importância, conforme se construiu um sistema de relações feudais⁵⁰. Na primeira metade do século XIX “the army seems to have had scarcely a single musket”⁵¹, de acordo com Last. Por mais que eventualmente seu uso tenha se tornado mais comum,

⁴⁵ SELASSIE, Haile. *My Life and Ethiopia's Progress, 1892-1937: the autobiography of Emperor Haile Selassie I*, 1976, p. 8-9.

⁴⁶ De acordo com o *Statesman's Yearbook*, no início do século XX a Etiópia tinha cerca de 3,5 milhões de habitantes, o Marrocos 5 milhões e Sokoto 10 milhões.

⁴⁷ LAST, Murray. *The Sokoto Caliphate*, 1967, p. 55.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 52-53.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 72; SMALDONE, Joseph. *Warfare in the Sokoto Caliphate: Historical and Sociological Perspectives*, 2008, p. 26.

⁵⁰ SMALDONE, Joseph. *Warfare in the Sokoto Caliphate: Historical and Sociological Perspectives*, 2008, p. 130-132.

conforme se estabeleceu o comércio com o ocidente, a arma mais importante do exército de Sokoto nunca deixou de ser o arco⁵².

Similares aos ras da Etiópia, os fulas tinham seus emirs. Seus inimigos eram, porém, até os últimos anos do século XIX, majoritariamente nômades tuaregues e os exércitos dos reinos hauçás, que apresentavam desafios muito diferentes daqueles enfrentados pela Etiópia. A centralização alcançada por Sokoto também foi mais limitada do que a etíope, os emirados mais independentes do que os senhorios etíopes, com o califado conseguindo ter em campo no máximo em torno de 50.000 homens⁵³.

Quando a invasão britânica inicial chegou em 1897, a organização do exército de Sokoto e seus equipamentos eram similares àqueles prevalentes no começo do califado, segundo Smaldone⁵⁴. Isso, porém, se deve mais a uma falta de oferta de armas modernas do que a qualquer aversão à inovação, dado que o mesmo autor afirma que existia uma grande demanda por armas ocidentais onde hoje é o interior da Nigéria no mesmo período⁵⁵.

Ainda assim, a despeito da escassez de armas de fogo, Smaldone defende que ,conforme se aproximava o fim do século XIX, uma transição para um modelo de exército profissional havia começado no califado, baseado em uma força de escravos reais armados com mosquetes e fuzis, que cresciam como uma força similar aos janízaros do Império Otomano⁵⁶. Este processo teria sido, porém, interrompido pela invasão britânica⁵⁷. Stilwell mantém que em Kano, um dos principais emirados do califado, escravos tinham papéis importantes no exército desde a década de 1850, em todos os tipos de posições, com o uso de armas reservado aos novos escravos, que eram tidos como um risco menor de rebelião⁵⁸.

Por sua vez, o Marrocos, em grande parte devido à sua posição no norte da África, havia estado em contato constante com a Europa por séculos. Isso significou que, quando as conquistas europeias iniciais se deram nas décadas após o Congresso de Viena, o Marrocos logo foi visto como alvo. Os franceses, tendo de maneira alarmante conquistado a vizinha Argélia em 1830, seriam o adversário persistente do país ao longo do século XIX e do próximo. Logo após a conquista da Argélia o Marrocos veria-se envolto no conflito relacionado à ocupação francesa do oeste argeliano⁵⁹.

O reino havia estado fechado para a Europa desde 1820⁶⁰, e a ideia da reconquista de Melilla e Ceuta, perdidas à séculos para a Espanha, não havia sido perseguida há décadas. O exército era

⁵¹ LAST, Murray. *The Sokoto Caliphate*, 1967, p. 73.

⁵² *Ibid.*, p. 73; SMALDONE, Joseph. *Warfare in the Sokoto Caliphate: Historical and Sociological Perspectives*, 2008, p. 50.

⁵³ SMALDONE, Joseph. *Warfare in the Sokoto Caliphate: Historical and Sociological Perspectives*, 2008, p. 59.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 32.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 95-96.

⁵⁶ STILWELL, Sean. *Paradoxes of Power: The Kano "Mamluks" and Male Royal Slavery in the Sokoto Caliphate, 1804-1903*, 2004, p. 8-9.

⁵⁷ SMALDONE, Joseph. *Warfare in the Sokoto Caliphate: Historical and Sociological Perspectives*, 2008, p. 115-118; p. 159.

⁵⁸ STILWELL, Sean. *Paradoxes of Power: The Kano "Mamluks" and Male Royal Slavery in the Sokoto Caliphate, 1804-1903*, 2004, p. 173-178.

⁵⁹ MILLER, Susan. *A History of Modern Morocco*, 2013, p. 12-17.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 10-12.

composto principalmente de escravos num sistema decadente e incompatível com as demandas da guerra no século XIX. Miller descreve da seguinte maneira as suas deficiências:

By 1834 [...] the extended crisis had exposed the fundamental weakness of a military system unchanged for nearly two centuries: incompetent and corrupt officers placated by gifts and rewards; low levels of training and equipment; unruly troops composed of diverse, often rival, units who resisted centralized control; a chronic deficiency of funds.⁶¹

Em 1844, após anos de (inconstante) suporte marroquino aos lutadores argelinos, os franceses invadiram o Marrocos. Uma batalha foi travada próxima ao rio Isly e os marroquinos foram decisivamente derrotados, o poder de fogo francês provando-se insuperável para as forças do sultão⁶². A frota francesa bombardeou as cidades marroquinas com impunidade. Logo a paz foi assinada, acertando as fronteiras entre a Argélia colonial e o sultanato⁶³.

A derrota abriu o Marrocos para o comércio e as finanças ocidentais, um processo que foi exacerbado por outra derrota para uma potência europeia: a Guerra do Tetuão, travada entre 1859 e 1860 com a Espanha, e no geral similar à derrota anterior para a França. A paz, desta vez, custou ao Marrocos 20 milhões de *duros* em reparações⁶⁴, cerca de dez vezes o valor estimado para a receita anual do governo nos anos 1870 por fontes coevas⁶⁵, levando a uma crise monetária duradoura e exacerbando ainda mais a abertura involuntária do país⁶⁶.

Com tudo isso, a necessidade de reformas era inegável, e assim ascendeu uma nova classe de reformistas focados nos âmbitos administrativo e fiscal do reino⁶⁷, o atraso dos quais se apresentava como um grande obstáculo à independência continuada do país. Os avanços mais importantes foram conquistados em relação ao exército, porém. Um corpo de infantaria foi formado, armado com fuzis de pederneira e treinado por veteranos da Tunísia e da Argélia⁶⁸. Fábricas de munição foram construídas em Marrakech e a cavalaria, principal arma na qual se baseava o exército tradicional marroquino, logo perdeu espaço.

No começo do século XX, tudo começou a se desfazer. Uma crise fiscal advinda principalmente de reformas falhas⁶⁹ diminuiu a capacidade de combate do exército, e o contrabando de armas fez com que bandidos e senhores tribais acumulassem progressivamente mais poderio militar. A França ocupou Casablanca e Oujda em 1907⁷⁰; em grande parte devido a isso, uma guerra civil iniciou-se no Marrocos no mesmo ano. O sultão logo foi derrubado por seu irmão, mas o reino nesse ponto já era um Estado residual, com as tribos tendo mais poder do que o governo oficial.

⁶¹ Ibid., p. 17.

⁶² Ibid., p. 18.

⁶³ Ibid., p. 19.

⁶⁴ Ibid., p. 25.

⁶⁵ The Statesman's year-book, London, 1875, p. 625-626.

⁶⁶ BURKE, Edmund. Prelude to protectorate in Morocco, 1976, p. 19-21.

⁶⁷ MILLER, Susan. A History of Modern Morocco, 2013, p. 32-35.

⁶⁸ Ibid., p. 39.

⁶⁹ BURKE, Edmund. Prelude to protectorate in Morocco, 1976, p. 53-55.

⁷⁰ MILLER, Susan. A History of Modern Morocco, 2013, p. 75-76.

Em 1911, guerreiros do Médio Atlas cercaram Fez e o novo sultão. Desesperado, ele pediu ajuda aos franceses, que tomaram controle do exército marroquino e, em 1912, proclamaram um protetorado sobre o país. A independência marroquina já não mais existia; sua Adwa havia acontecido em 1860 e a haviam perdido.

Deve estar claro aqui que os três países mencionados ao longo deste artigo tinham várias semelhanças institucionais em diferentes planos, e que todos passaram por surpreendentemente similares processos de modernização, tanto militar quanto organizacional, ao longo do século XIX. Por que, então, a Etiópia resistiu décadas mais ao colonizador do que os outros?

Primeiramente, devemos olhar para a geografia. Tanto a Etiópia quanto Sokoto não tinham acesso direto ao mar. Isso, em conjunto com o desenvolvimento histórico de suas civilizações, fez com que seus inimigos europeus não pudessem bombardear suas cidades na costa com impunidade, como fizeram com o Marrocos⁷¹ e Madagascar⁷². Apesar do centro de Sokoto ser localizado mais distante da costa do que o etíope, a Etiópia tem um território assaz montanhoso (assim como o Marrocos), tornando a invadir uma tarefa árdua tanto em termos logísticos como propriamente de combate.

Hobsbawm, numa passagem, classifica o Marrocos e a Etiópia como “regiões guerreiras montanhosas”⁷³, algo que teria permitido, por si só, a independência continuada destes frente à agressão europeia. Um olhar, por exemplo, às grandes selvas do Congo, nos garante que a geografia é apenas parte da questão, porém.

A história do contato ocidental com os Estados discutidos aqui é longa, especialmente no caso marroquino, e, em grau menor, no etíope. Para todos eles, porém, o século XIX trouxe novas tendências, conforme o capitalismo industrial levou as nações europeias a competir pela riqueza do continente africano. Com isso chegaram às suas costas armas e táticas ocidentais, missionários e diplomatas. A falta de acesso ao mar da Etiópia provou ser uma bênção disfarçada, permitindo o contato europeu mas de maneira menos intensa do que nas regiões costeiras. Sokoto, localizado ainda mais distante no interior, viu poucos europeus em suas terras antes do fim do século XIX.

Os três reinos eram igualmente não capitalistas na virada para o XIX (Sokoto ainda nem existia), e todos haviam começado uma transição ao capitalismo no fim do mesmo. O processo de expansão imperial etíope e os recursos que foram assim adquiridos foi, porém, único. Sua expansão ao longo do século não teve paralelos entre os outros Estados africanos e, por mais que muitos de seus recursos militares houvessem de ser empregados na repressão das áreas recentemente tomadas, as conquistas foram vitais para a resistência etíope, abrindo o caminho para uma maior militarização e centralização, num processo cíclico, um que teve tempo para se desenvolver. Talvez, tivessem as invasões europeias vindo em momentos diferentes, Sokoto ou Marrocos teriam sido capazes de resistir, mas isso é um exercício de pensamento fútil.

Não há resposta fácil para o que fazia a Etiópia diferente das outras nações do continente. Para fins de precisão, sabemos que a Etiópia era deveras singular, mas definir quais singularidades foram

⁷¹ MILLER, Susan. *A History of Modern Morocco*, 2013, p. 19.

⁷² ALLEN, Philip; COVELL, Maureen. *Historical Dictionary of Madagascar*, 2005, p. 122.

⁷³ HOBBSAWM, Eric. *The Age of Empire 1875-1914*, 1987, p. 286.

responsáveis pelo sucesso da resistência etíope frente ao colonialismo europeu é o desafio. Defendemos que não existe um fator único que tenha permitido a permanência etíope, e sim que o alinhamento de vários fatores a tornaram possível, fatores os quais também permitiram a formação do Império Etíope moderno. As outras nações do continente teriam na maior parte dos casos de esperar até os anos 1950 e 1960 para ter uma chance de se tornarem Estados.

Conclusão

Temos que a introdução de armamento e táticas ocidentais à Etiópia foram fundamentais tanto no processo de centralização imperial, quanto na expansão e defesa do Império, principalmente no século XIX, quando a maior parte dos avanços se concentraram. Teodoro manteve seu poder com base em seus canhões, e sua derrota pela força expedicionária britânica demonstrou inequivocamente aos senhores da região como se dariam as guerras nas próximas décadas.

Dentro de um cenário de competição interna pelo poder e de competição externa pela independência, o esforço consciente do reino etíope em modernizar suas várias forças armadas criou as condições para a sobrevivência da monarquia etíope e da criação do Estado moderno etíope, em termos de fronteiras e instituições. A existência da Etiópia como nação independente torna-se uma peça no jogo do imperialismo europeu, e deve-se às canetas dos diplomatas etíopes também parte da comenda quanto à manutenção da independência do país durante o tempestuoso século XIX.

A modernização militar, em específico, que se deu no reino, enquanto teve em larga escala inspiração ocidental, foi em certos aspectos baseada em inovações endógenas; a organização regional dos exércitos, por exemplo, com base na nobreza amhara do país. A modernização militar comprova seu impacto pela vantagem que deu aos exércitos etíopes sobre as forças militares de seus vizinhos, acarretando mudanças irreversíveis e profundas sobre as fronteiras da região ao longo de poucos anos. Tais mudanças suprimiram o Estado imperial etíope de recursos que foram empregados na resistência contra o colonialismo. Deste modo, a modernização militar etíope auxiliou direta e indiretamente a preservação de sua independência.

O progresso da Etiópia foi tão longe quanto seria possível sem um processo de industrialização endógeno. Por sua vez, a Itália de 1935 havia aprendido com sua derrota 40 anos atrás; a guerra que conduziu foi o resultado do avanço tecnológico e tático massivo que fora alcançado no intervalo, e o resultado não poderia ser diferente.

Fontes e Bibliografia

- AKPAN, Monday. **Libéria e Etiópia, 1880-1914: a sobrevivência de dois Estados africanos.** In: BOAHEN, Adu (Coord.). **História Geral da África**, v. 7. Paris: Ática, 1985.
- ALLEN, Philip; COVELL, Maureen. **Historical Dictionary of Madagascar.** Lanham, 2005.
- BULATOVICH, Alexander. **Ethiopia through Russian eyes: country in transition, 1896-1898.** Trenton: Red Sea Press, 2000.
- BURKE, Edmund. **Prelude to protectorate in Morocco.** Chicago: University of Chicago Press, 1976.
- CAULK, Richard. **Firearms and Princely Power in Ethiopia in the Nineteenth Century.** In: The Journal of African History, v. 13, n. 4, Cambridge: Cambridge University Press, 1972, p. 609-630.
- CECCHI, Antonio. **Da Zeila alle frontiere del Caffa.** Roma: Ermanno Loescher & Co., 1886.
- DE COSSON, Emilius. **The Cradle of the Blue Nile: a visit to the court of King John of Ethiopia**, v. 1. London: J. Murray, 1877.
- FINALDI, Giuseppe. **A History of Italian Colonialism, 1860-1907: Europe's last empire.** New York: Routledge, 2017.
- GABRE-SELASSIE, Zewde. **Yohannes IV of Ethiopia: A Political Biography.** Oxford: Clarendon Press, 1975.
- GIORGIS, Elizabeth. **What is "Zemenawinet"?: perspectives on Ethiopian modernity.** Addis Ababa: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2012.
- HAROLD, Marcus. **A History of Ethiopia.** Berkeley: University of California Press, 1994.
- _____. **The Life and Times of Menelik II: Ethiopia 1844-1913.** Oxford: Clarendon Press, 1975.
- HOBBSAWM, Eric. **The Age of Empire 1875-1914.** New York: Pantheon Books, 1987.
- HOLCOMB, Bonnie; IBSSA, Sisai. **The Invention of Ethiopia.** Trenton: Red Sea Press, 1990.
- KEBEDE, Messay. **Survival and Modernization, Ethiopia's Enigmatic Present: A Philosophical Discourse.** Lawrenceville: Red Sea Press, 1990.
- LAST, Murray. **The Sokoto Caliphate.** London: Longmans, 1967.
- MCLACHAN, Sean. **Armies of the Adowa Campaign 1896: The Italian Disaster in Ethiopia.** Oxford: Osprey Publishing, 2011.
- MILKIAS, Paulos. **Ethiopia.** Santa Barbara: ABC-CLIO, LLC., 2011.
- MILKIAS, Paulos et al. **The Battle of Adwa: Reflections on Ethiopia's Historic Victory against European Colonialism.** New York: Algora Publishing, 2005.

-
- MILLER, Susan. **A History of Modern Morocco**. New York: Cambridge University Press, 2013.
- MOCKLER, Anthony. **Haile Selassie's war**. Oxford: Signal Books, 2003.
- OFCANSKY, Thomas. et al. **Ethiopia: a country study**. Arlington: Department of the Army, 1991.
- PANKHURST, Richard. **The role of fire-arms in Ethiopian culture (16th to 20th centuries)**. In: *Journal des Africanistes*, v. 47, n. 2, Paris: Société des africanistes, 1977, p. 131-144.
- _____. **Linguistic and Cultural Data on the Penetration of Fire-Arms into Ethiopia**. In: *Journal of Ethiopian Studies*, v. 9, n. 1, Addis Ababa: Institute of Ethiopian Studies, Janeiro de 1971, p. 47-82.
- _____. **Guns in Ethiopia**. In: *Transition*, n. 20, Bloomington: Hutchins Center for African and African American Research at Harvard University, 1965, p. 26-33.
- PERHAM, Margery. **The Government of Ethiopia**. New York: Oxford University Press, 1948.
- SELASSIE, Haile. **My Life and Ethiopia's Progress, 1892-1937: the autobiography of Emperor Haile Selassie I**. Oxford: Oxford University Press, 1976.
- SMALDONE, Joseph. **Warfare in the Sokoto Caliphate: Historical and Sociological Perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- STILWELL, Sean. **Paradoxes of Power: The Kano "Mamluks" and Male Royal Slavery in the Sokoto Caliphate, 1804-1903**. Portsmouth: Heinemann, 2004.
- The Statesman's year-book, 1875-1899**: New York Public Library
- ZEWDE, Bahru. **Pioneers of Change in Ethiopia: The Reformist Intellectuals of the Early Twentieth Century**. Oxford: J.Currey, 2002.
- _____. **A history of modern Ethiopia, 1855-1974**. London: J.Currey, 1991.